



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

DEGRADAÇÃO AMBIENTAL NO POVOADO PONTA DOS MANGUES, EM PACATUBA/SE: EMERGÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL INFORMAL

ENVIRONMENTAL DEGRADATION IN THE VILLAGE OF PONTA DOS MANGUES IN PACATUBA/SE: EMERGENCY OF INFORMAL ENVIRONMENTAL EDUCATION.

(Recebido em 28-12-2023; Aceito em: 04-04-2025)

Felipe Alan Souza Santos

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Pará – Belém, Brasil

felipesantosprof@hotmail.com

Alan Nunes Araújo

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Pará – Belém, Brasil

Professor da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil

alanaraudo@ufpa.br

Resumo

A educação, um alicerce fundamental para a convivência em sociedade, estende sua relevância à Educação Ambiental, essencial para a importância de se viver em um ambiente saudável e equilibrado. Na contemporaneidade, a sociedade consumista impõe à natureza a árdua responsabilidade de prover recursos essenciais à sobrevivência humana, ao mesmo tempo em que a encarrega da manutenção de seu equilíbrio. Este artigo visa abordar a depreciação da Educação Ambiental na sociedade do consumo, destacando sua crucial importância diante da crise ambiental. A pesquisa adota uma abordagem fenomenológica, partindo da consciência subjetiva dos pesquisadores em relação ao crescente impacto ambiental no Povoado Ponta dos Mangues/SE, situado no município de Pacatuba. Apesar de integrar uma unidade de conservação, sendo um espaço atrativo para o lazer de famílias locais e turistas, evidencia-se uma lacuna na fiscalização e na precária ação da educação ambiental por parte dos usuários. Isso ressalta a necessidade premente de uma ação de educação ambiental em diferentes setores da comunidade local, seja no contexto formal ou informal, assegurando que esse espaço possa ser desfrutado pelas gerações vindouras. A análise realizada revela que a falta de consciência ambiental compromete a integridade do ecossistema, ameaçando não apenas a biodiversidade, mas também a qualidade de vida das comunidades locais. Nesse sentido, a Educação Ambiental emerge como um antídoto, capacitando os indivíduos para melhor compreenderem a interdependência entre a sociedade e o meio ambiente. Sua implementação eficaz não apenas fortalece a conservação de áreas sensíveis, mas também nutre uma mentalidade sustentável que transcende as fronteiras geográficas. Em conclusão, a depreciação da educação ambiental na sociedade do consumo representa um desafio urgente. A conscientização e a promoção de práticas sustentáveis são imperativas para preservar não apenas a natureza, mas também o legado que deixaremos para as próximas gerações, garantindo um equilíbrio duradouro entre o progresso humano e a preservação ambiental.

Palavras-chave: Ponta dos Mangues; Educação Ambiental; Comunidade.

Abstract

Education, a fundamental foundation for coexistence in society, extends its relevance to environmental education, essential for understanding how to live in a healthy and balanced environment. In contemporary times, consumerist society imposes on nature the arduous responsibility of providing essential resources for human survival, at the same time that it is responsible for maintaining its balance. This article aims to address the depreciation of environmental education in the consumer society, highlighting its crucial importance in the face of the environmental crisis. The research adopts a phenomenological approach, starting from the subjective awareness of researchers in relation to the growing environmental impact in Povoado Ponta dos Mangues/SE, located in the municipality of Pacatuba. Despite being part of a conservation unit, being an attractive place for leisure for local families and tourists, there is a gap in supervision and poor environmental education action on the part of users. This highlights the pressing need for environmental education action in different sectors of the local community, whether in a formal or informal context, ensuring that places like this can be enjoyed by future generations. The analysis reveals that a lack of environmental awareness compromises the integrity of the ecosystem, threatening not only biodiversity, but also the quality of life of local communities. Environmental education emerges as an antidote, enabling individuals to understand the interdependence between society and the environment. Its effective implementation not only strengthens the conservation of sensitive areas, but also nurtures a sustainable mindset that transcends geographic boundaries. In conclusion, the depreciation of environmental education in the consumer society represents an urgent challenge. Raising awareness and promoting sustainable practices is imperative to preserve not only nature, but also the legacy we will leave for future generations, ensuring a lasting balance between human progress and environmental preservation.

Key words: Ponta dos Mangues; Environmental Education; Community.

Introdução

O planeta vivencia um período bastante turbulento, repleto de transformações relacionadas ao meio ambiente. A mídia expõe suas atenções para os mais variados problemas socioambientais, fruto de uma relação desarmônica entre o homem e o seu habitat Terra. Inundações, incêndios florestais, pobreza, desigualdade, aquecimento global são temas constantemente apresentados de modo frenético pelos meios de comunicação.

A cada dia, as paisagens naturais são modificadas principalmente pela intervenção humana, consolidando uma paisagem artificial, que, sob um prisma capitalista, possui a finalidade de satisfazer os ideais humanos. O saber técnico possibilitou um duplo caminho: o primeiro permitiu florescer valioso entendimento sobre como a humanidade pode caminhar de maneira harmônica e sustentável com o meio ambiental e social. Exemplo disso são as diversas discussões advindas da Educação Ambiental, da engenharia ambiental, da ecologia etc. Por um outro lado, o sistema capitalista acaba efetivando saberes sobre um ecodesenvolvimento, apontando que a técnica será eficaz e apaziguará todo e qualquer problema socioambiental. Porém esta segunda perspectiva tem gerado uma crise sociedade, a qual tem afetado fortemente os mais vulneráveis.

Desse modo, o presente artigo teve como objetivo discutir a depreciação da educação ambiental na sociedade do consumo, realçando a sua plena importância para uma sociedade em crise

ambiental e revelando a necessária importância da manutenção e valoração dos saberes ambientais para uma nova postura cidadã, em comunidades formais e informais. A metodologia aplicada foi a fenomenologia, pois abstraiu-se a subjetividade do sujeito pesquisador no debate e na observação do espaço pesquisado, a partir do estudo do meio, que forneceu todo o arcabouço para a geração de análise e discussão do fenômeno em estudo, o Pontal dos Mangues, localizado na cidade de Pacatuba/SE.

O modo pretérito da relação homem-natureza e o novo caminho da Educação Ambiental

A Educação Ambiental desempenha um papel crucial ao promover a percepção da necessidade de integrar o ser humano ao meio ambiente. Estabelecer uma relação harmoniosa, com consciência do equilíbrio dinâmico da natureza, permite que, através de novos conhecimentos, valores e atitudes, tanto o educando quanto o educador se tornem cidadãos ativos no processo de transformação do cenário (GUIMARÃES, 2000).

Na contemporaneidade, as preocupações com as questões ambientais já não são apenas notadas como expressão de sensibilidades utópicas e românticas, como no ambientalismo ecológico (CAMARGO, 2003), mas como uma necessidade vital para a permanência da vida humana no planeta Terra. Sua dimensão tomou todas as áreas sociais, para as quais a qualidade de vida passou a ter maior valor que a produção. A temática ambiental, articulando economia, ecologia, cultura, respeito, solidariedade, equidade e justiça social e política, passou a ser tema central em debates sobre o ordenamento das relações internacionais entre as várias nações do planeta (BOLIGIAN et al., 2005).

A efetivação da crítica ao uso do meio ambiente pela sociedade tornou-se um marco muito importante para o processo de cidadania. Corre-se na busca de conquistar novos parceiros que caminhem envolvidos com os debates ambientais e emerge, apesar de incipientes, cidadãos que entendem que abandonar o luxo secundário de consumo é necessário para se manter uma nova atitude cidadã, preocupada com os rumos crescentes que o processo de degradação da natureza vem ocasionando nas transformações sistêmicas do planeta Terra.

A sustentabilidade do planeta, instrumento valorativo da Educação Ambiental, não é viável se não atender à satisfação das necessidades básicas e imediatas de todos os habitantes da Terra. Para tanto, uma verdadeira Educação Ambiental busca satisfazer os direitos civis, econômicos, sociais, espirituais e culturais das populações. É exatamente isso que deve vigorar para a sociedade alcançar a sonhada sustentabilidade, que exige modificações equilibradas do ponto de vista ético, ecológico, econômico, social e ambiental. “[...] o homem concebe sua ação previamente no seu cérebro, na forma

de planejamento, e a cada ação incorporam-se novas informações, que resultarão em diferentes soluções para os mesmos problemas que se apresentam." (DIAS, 2007, p. 2).

Os atuais problemas que afetam a sobrevivência no meio ambiente são cada vez mais angustiantes e causam preocupação à humanidade. Impõe-se, então, uma busca urgente por ações e iniciativas que contribuam com a sua solução, de forma mais imediata. Uma proposta apontada por Santos e Reis (2020) para esse fim é a prática da educação ambiental. Porém, ao mesmo tempo em que se observam uma preocupação e uma mudança de percepção em certos grupos de indivíduos, ainda se nota uma resistência voraz quanto à consolidação de uma atitude mais sustentável e concreta pela maioria da população. Uma possível resposta para essa análise é dada por Porto-Gonçalves (2006), ao afirmar que o conceito de natureza não é natural, logo, cada um irá entender, perceber, usufruir, proteger e até mesmo degradar conforme a sua ideia de natureza. Nesse ponto, emerge um ponto-chave deste artigo: há uma necessidade premente de se fazer uma ampla discussão sobre Educação Ambiental, tanto na esfera formal, como na informal. É necessário transformar a depreciação em ação e mudança de atitude, caso contrário, a sociedade atual, como conhecemos, estará fadada a desaparecer do planeta a curto prazo.

O desenvolvimento científico e tecnológico que incrementa a qualidade de vida, cada vez mais, põe em perigo o meio ambiente e a própria vida humana. O homem, ao mesmo tempo em que inventa algo para diminuir certos impactos ambientais, degrada e segregá outros espaços e, principalmente, a relação social e temporal do homem com o próprio homem. Há, portanto, uma necessidade de formar as pessoas, de transmitir conhecimento e de sensibilizar sobre os diversos dilemas que estão propícios a surgirem caso os recursos do nosso planeta sejam desvalidos pela ganância e prepotência.

Nessa direção, a educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais fatores de dinamização da sociedade e de ampliação do controle social da coisa pública, inclusive pelos setores menos mobilizados (JACOBI, 2003).

Daí a necessidade de os indivíduos compreenderem as modificações socioambientais para poderem agir de forma crítica, a fim de prevenirem problemas físicos naturais e a própria exclusão humana. Há necessidade de valorar as pequenas comunidades com ações e conexões com o ambiente que as envolve, pois apenas dessa forma seus habitantes conseguirão entender que o meio natural que os cerca é a sua maior riqueza e cabe a eles a conservação e o cuidado, visando à manutenção, tanto para a geração do presente, quanto para as futuras.

A capacidade de modificar o meio ambiente em função do desenvolvimento das atividades sociais passa por diferentes etapas na história da humanidade. Prova disso é o homem paleolítico, que, em seu tempo histórico, era totalmente subordinado aos anseios e "desejos" da natureza. Esse

homem se tornou totalmente diferente do homem neolítico, o qual, com a descoberta do fogo e da agricultura, tornou-se menos subjugado ao meio natural.

Santos e Araújo (2024) salienta que o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico provocou perdas irreversíveis ao meio ambiente. Durante sua curta vida na Terra, o homem proporcionou mudanças profundas em todo o seu ecossistema e na sua própria relação social.

Segundo a mesma autora, a humanidade paga um preço bem alto pela falta de seriedade com que vê a natureza. Exemplo disso são os fenômenos climáticos que vêm ocorrendo no planeta. A onda de calor, o aumento das chuvas, as secas severas, a perda de biodiversidade são exemplos de problemas ambientais que assolam todos os países do globo, porém é importante salientar que os indivíduos sentem seus impactos de formas bastante diferentes, e os mais vulneráveis, aqueles que experimentam a desigualdade e pobreza, são os mais atingidos.

A construção pelos seres humanos de um espaço próprio de vivência, diferente do natural, se deu sempre à revelia e com a modificação do ambiente natural. Assim o ser humano, para sua sobrevivência, de um modo ou de outro, sempre modificou o ambiente natural (DIAS, 2007, p. 13).

A todo instante, informações a respeito dos problemas ambientais que ameaçam a estabilidade e o funcionamento normal do planeta chegam pelas redes sociais, assim como exemplos bárbaros de inundações, movimento de massa, seca, fome e pobreza. Mas existe alguém que está imbuído do papel de zelar pelo bem-estar da natureza e da humanidade: o próprio homem. Então, por que, apesar de sermos dotados de conhecimento científico, ainda depreciamos o papel da Educação Ambiental? Uma possível resposta pode estar embasada na premente sociedade do consumo, a sociedade capitalista, que vende a ideia do consumo como solução para zerar qualquer dor, tristeza, despreparo.

Porém o homem esclarecido pode e deve mudar suas ações predadoras frente ao meio natural e utilizar seu senso crítico a fim de mudar o seu próprio ser individualista, característica marcante no capitalismo (VESSENTINE, 2004), muitas das vezes, instigado pelo *marketing* consumista do sistema capitalista, em que o sentido de ter subestimou o ser.

A Educação Ambiental formal e informal deve desempenhar uma função primordial nesse cenário, com vistas a criar atitudes e a melhorar a compreensão desses problemas que afetam o meio ambiente. A escola, os líderes comunitários, a mídia devem ficar imbuídos da possibilidade de formação do senso crítico dos indivíduos, com o dever social de desenvolver um sistema de conhecimentos, habilidades e valores que sustentem uma conduta e um comportamento próprio da proteção desse meio ambiente (SANTOS, 2024). Essa formação precisa ser autônoma, verdadeira e participativa.

Este artigo enfatiza que essa prática deve existir sempre, em todas as esferas formadoras de opinião, seja na educação formal ou na informal, lembrando-se que essas devem ocorrer não de forma temporal, mas gradual e sistematizada, como propõem Santos e Reis (2020). É necessária a consolidação de uma sociedade crítica e criativa, conchedora dos diversos dilemas ambientais. É preciso que as comunidades mais vulneráveis conheçam e imperem sobre o seu espaço uma consciência ambiental, uma vez que, caso isso não ocorra, estarão fadadas à insalubridade de viverem em um ambiente insustentável, podendo chegar até mesmo ao desaparecimento.

A Educação Ambiental tem como foco a formação de cidadãos ambientalmente comprometidos, estejam eles em idade escolar ou não. Esses indivíduos devem ser preparados para atuar melhor na sociedade, transformando-se em atores que possam reivindicar maior prudência, responsabilidade e participação nas decisões socioambientais. Uma boa prática de Educação Ambiental deve conduzir o indivíduo ao conhecimento da problemática ambiental (SANTOS, 2007). Nas palavras de Sauvé e Orellana (apud SATO; SANTOS, 2006, p. 281), “la confrontación de saberes de distintos tipos, pueden surgir otros nuevos, que pueden revelarse útiles, pertinentes y que pueden tener una significación contextual”.

Metodologia da pesquisa

O campo filosófico do presente artigo seguiu a abordagem fenomenológica, que se concentra na experiência direta e na consciência subjetiva dos fenômenos, buscando compreender sua natureza e significado. Também foi realizada a prática do estudo do meio. O estudo do meio é fundamental para a Educação Ambiental, pois proporciona uma conexão direta entre o pesquisador e o ambiente ao seu redor (MORAES, 1996). Ao vivenciar o meio ambiente de forma prática, os pesquisadores e estudantes têm a oportunidade de desenvolver uma compreensão mais profunda e pessoal sobre as questões ambientais. Essa abordagem prática facilita a aprendizagem, estimula o interesse e promove a conscientização sobre a importância da conservação ambiental.

O século XX foi marcado por uma expansão significativa do pensamento filosófico, particularmente no campo da ciência, com o aparecimento de importantes movimentos, como o estruturalismo, o existencialismo e o marxismo. Nesse cenário de efervescência intelectual, surgiu a fenomenologia, um dos movimentos filosóficos mais marcantes e intrigantes da época, originário do final do século XIX até o início do século XX, como apontado por Moreira (2004).

Esse movimento foi fundado por Edmund Husserl e teve sua inauguração com a publicação de *Investigações Lógicas* (1988). A fenomenologia foi desenvolvida como uma reação à crise cultural

envolvendo o conhecimento e a própria filosofia, desafiando as premissas da metafísica tradicional e suas simplificações, conforme descrito por Critelli (1996).

A abordagem fenomenológica tem como foco relacionar, numa visão antropocêntrica do mundo, o homem e seu espaço ou, mais genericamente, o sujeito e o objeto. Ela vem para trabalhar com a experiência, ou seja, o espaço vivido e existencial do indivíduo, que serão considerados sob diferentes perspectivas, principalmente os valores que o indivíduo adquire no cotidiano (NASCIMENTO; COSTA, 2016, p. 44).

A fenomenologia se configura como um movimento antagônico à metafísica, direcionando-se para uma abordagem centrada na experiência intuitiva, capaz de apreender o mundo exterior. Essa abordagem questiona a crença comum de que os objetos existem independentemente de nós, proporcionando uma visão alternativa na compreensão do homem, do mundo, do ser e da verdade. A fenomenologia destaca a provisoriação, mutabilidade e relatividade da verdade, contrastando radicalmente com a concepção metafísica de uma verdade única, estável e absoluta (CRITELLI, 1996).

Do ponto de vista etimológico, o termo “fenomenologia” deriva das palavras gregas “phainomenon” (aquilo que se mostra por si mesmo) e “logos” (ciência ou estudo). Seu sentido primário refere-se à ciência ou ao estudo dos fenômenos, entendendo-se por fenômeno, em sua acepção genérica, tudo o que aparece, se manifesta ou revela por si mesmo (MOREIRA, 2004).

A fenomenologia se encaixa perfeitamente na abordagem da ciência geográfica, delineada pelo prisma do espaço vivido, e difere significativamente de tentativas de estabelecer leis ou identificar regularidades generalizadoras. Ao contrário, ela fundamenta-se na singularidade e individualidade dos espaços analisados. Além disso, não busca produzir resultados prospectivos e normativos, como ocorre nas ciências tidas como racionalistas. Seu propósito primordial reside em proporcionar um arcabouço interpretativo para as realidades vivenciadas espacialmente.

A objetividade nesse contexto não decorre de regras estritas de observação, mas, sim, da utilização possível de diversas interpretações para compreender o comportamento social dos atores dentro do espaço geográfico. Em vez de seguir uma abordagem prescritiva, a ciência geográfica busca oferecer entendimentos profundos, que capturem a complexidade e a riqueza das interações entre sociedade, natureza e espaço (MENDONÇA, 2001).

As paisagens que permeiam nossas vidas cotidianas, muitas vezes consideradas como um retrato verdadeiro do nosso entorno, são realmente ricas em significados. E desvendar esses significados torna-se uma empreitada fascinante. Essa tarefa, longe de ser reservada apenas a especialistas, pode ser empreendida por qualquer pessoa, desde que esteja no nível de sofisticação adequado para a compreensão das complexidades que se revelam.

A ubiquidade da geografia é notável, pois cada um de nós a reproduz em nossas interações diárias com o espaço que habitamos. A capacidade de decodificar as paisagens comuns que nos

cercam é uma habilidade acessível a todos e, ao praticá-la, percebemos não apenas a natureza do ambiente ao nosso redor, mas também aspectos profundamente enraizados em nossa própria identidade (MORAES, 2005).

Desse modo, ao realizar uma visita à área de estudo, o olhar científico dos pesquisadores procurou observar a conduta dos nativos frente à produção e manutenção da degradação ambiental na área de banho e lazer da Reserva Biológica. Foi percebido que falta fiscalização na área e que se fazem necessárias ações de Educação Ambiental. Existe a necessidade de melhoria na relação do homem com a natureza, ou seja, de uma conservação socioambiental.

A pesquisa foi realizada no povoado Pontal dos Mangues, localizado no Município de Pacatuba, distante 76 Km da Capital aracajuana e 45Km da Cidade de Parambu/SE, fazendo parte da Reserva Biológica de Santa Isabel. A reserva se destaca pela presença do projeto de atenção à vida marinha, se destacando pela área de desova de tartarugas marinhas – Projeto TAMAR.

Mapa 01: Localização do ponto de realização da pesquisa



Fonte: Os autores (2023).

A Reserva Biológica de Santa Isabel, criada pelo Decreto nº 96.999, de 20 de outubro de 1988, é caracterizada como uma área de proteção integral, de aproximadamente 4.109,88 hectares de terra, que se estende por três municípios sergipanos: Barra dos Coqueiros, Pirambu e Pacatuba. Apresenta, como intuito central, preservar a sua biota, sem interferência humana que provoque modificações ambientais. Há planejamento e proposta de recuperação do ecossistema através de ações de manejo, com o objetivo de recuperar e preservar o equilíbrio natural.

Resultados e discussões

A Reserva Biológica Santa Isabel representa uma área do espaço territorial sergipano, com forte presença de restinga. Os conflitos que permeiam esse ecossistema litorâneo resultam em severos impactos socioambientais, que acabam diminuindo as reservas de biodiversidade do local.

Imagen 01: Reserva Biológica em Ponta dos Mangues



Foto: Os autores (2023).

Imagen 02: Vegetação em Ponta dos Mangues



Foto: Os autores (2024).

A Reserva Biológica é de proteção integral. Logo, a maior preocupação é preservar a biota e os demais recursos biológicos da ação humana, pois, entende-se que, em áreas de preservação como a de Santa Isabel, os recursos naturais apenas podem ser preservados sem a presença destruidora do homem. Porém não é o que foi constado pelo estudo aqui apresentado. Isso porque, no povoado que se localiza dentro da Reserva Biológica, há um crescimento imobiliário bastante intenso, por causa da beleza natural do local, que tem atraído, a cada ano, inúmeros turistas. Além disso, essa reserva é área de banho e diversão para a população dos municípios vizinhos, principalmente nos dias e meses mais quentes.

O povoado é uma comunidade tradicional, que preserva suas raízes culturais e formas de trabalho, muitas das quais estão diretamente ligadas ao meio ambiente. Uma das atividades mais emblemáticas da região é a pesca, que tem sido praticada por gerações. Os pescadores locais, com suas embarcações simples e conhecimentos passados de pais para filhos, navegam pelas águas calmas e suas áreas de manguezal, em busca de camarões, peixes e mariscos, alimentos fundamentais para o sustento e a economia local.

Próximo ao local do banho, numa propriedade situada à beira-mar, encontram-se diversos viveiros dedicados à criação de peixes e camarões. Esses viveiros utilizam água salobra do mar, aproveitando suas características únicas para garantir as condições ideais para o cultivo de animais aquáticos (SANTOS; RODRIGUES, 2020). O processo de troca de água nos reservatórios é fundamental para manter a qualidade da água nos viveiros, removendo impurezas e regulando a

salinidade, o que favorece o desenvolvimento saudável de peixes e camarões. A água salobra, que resulta da mistura de água doce com água salgada, oferece um ambiente propício para muitas espécies marinhas, sendo uma solução a baixo custo para manter a vida aquática nos viveiros e melhorar a produção (SANTOS; RODRIGUES, 2021).

Imagem 03 e 04: Atividade tradicional em Ponta dos Mangues

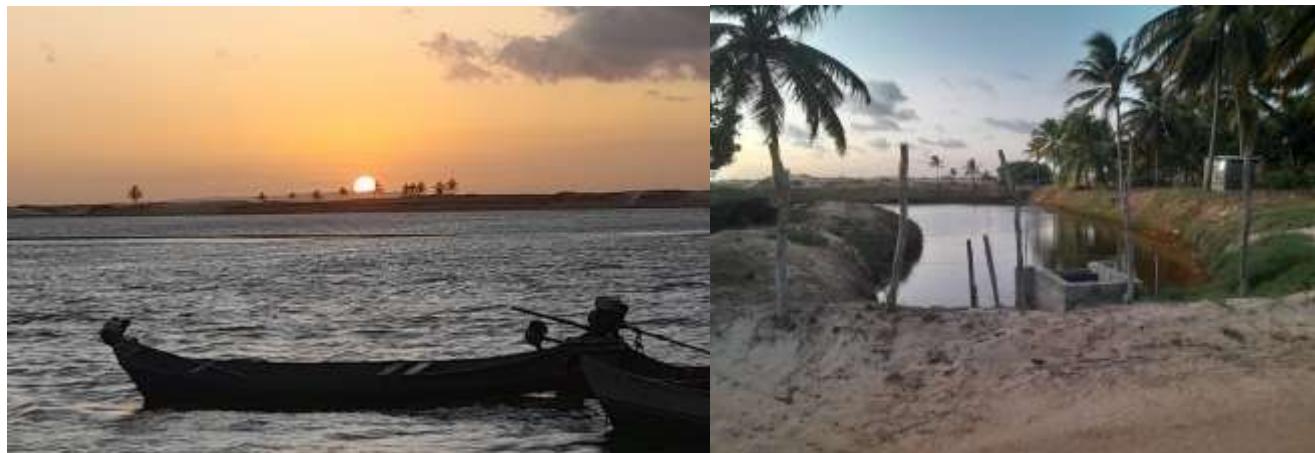


Foto: Os autores (2024).

A criação de camarões em áreas de conservação ambiental pode levar a sérios problemas de manipulação ecológica, especialmente quando não são adotadas práticas sustentáveis. O cultivo intensivo de camarões, frequentemente realizado em viveiros próximos a manguezais e outras áreas ecologicamente sensíveis, pode causar a destruição de habitats naturais, a poluição das águas e a contaminação do solo.

A utilização de produtos químicos, como antibióticos e fertilizantes, para maximizar a produção pode afetar a qualidade da água e prejudicar a fauna e a flora locais. Além disso, a construção de viveiros em zonas de conservação pode alterar o equilíbrio ecológico, afetando a biodiversidade e prejudicando as espécies nativas. A pressão sobre esses ecossistemas fragilizados exige serviços ambientais essenciais, como a proteção de costas e a filtragem de substâncias poluentes, sem as quais fica comprometida a integridade das áreas de preservação e coloca em risco a sustentabilidade (SANTOS; REIS, 2020).

Na visita de campo, também foi notada a presença de um hotel de alto padrão turístico e duas pousadas rústicas. Isso permite perceber que o local já vem recebendo turistas para desfrutarem da beleza natural única desse espaço de águas calmas, quentes e claras, como podemos observar na Imagem 03 acima. A presença desses equipamentos turísticos contribui para a economia do povoado, que também possui dois pequenos comércios: um bar e restaurante e uma mercearia, a qual vende produtos ao varejo. Durante a visita de campo, havia também uma ambulante vendendo “geladinho” (suco de fruta empacotado e congelado), caracterizando um perfil informal de aquisição de renda no local.

Imagen 05: Atração de banho em Pontal dos Mangues**Foto:** Os autores (2024).**Imagen 06:** Comunidade na área de preservação**Foto:** Os autores (2023).

Mas o que essa descrição tem a ver com o trabalho de Educação Ambiental? A resposta para essa questão é o presente pesquisa pretende demonstrar. Apesar do local de banho do povoado Pontal dos Mangues se localizar em uma Reserva Biológica de Proteção Integral, é constante a presença de veículos e pessoas nesse ambiente. Nota-se ainda uma escassez de fiscalização e de vetores de sensibilização ambiental na área, uma vez que a população que usufrui daquele espaço acaba sendo a mesma que degrada e lança no ambiente produtos nocivos ao manguezal e a suas águas.

Imagen 07: Degradação ambiental em Ponta dos Mangues/Pacatuba/SE**Foto:** Os autores (2023).**Imagen 08:** Resíduos presentes em Ponta dos Mangues**Foto:** Os autores (2024).

Imagens como essas motivaram o título do presente artigo. Nos últimos anos, nota-se uma depreciação de trabalhos de Educação Ambiental, mas como reverter o atual estágio de degradação ambiental sem a implementação diária de uma Educação Ambiental que busque a formação de atitudes e valores socioambientais plenos e identitários da sociedade?

A presente pesquisa mostra uma necessária política de Educação para o Ambiente. É preciso instalar placas que alertem os usuários sobre a necessária manutenção dos recursos naturais locais e quanto à legalidade que envolve uma Reserva Biológica de feição preservacionista. É de suma importância conectar a comunidade à riqueza natural, mas, antes de tudo, é preciso aprender que temos que encontrar caminhos de pertencimento e autogestão.

Existe ainda uma plena necessidade da implementação de projetos e propostas de Educação Ambiental na comunidade e nas escolas dos municípios pesquisados, a fim de projetar mudanças atitudinais dos usuários. Para tanto, os gestores municipais, junto com os responsáveis pela Reserva Biológica, devem. De modo contínuo e permanente, implementar políticas de Educação Ambiental em espaços formais e informais, com o objetivo de não deixar os recursos e as belezas naturais se afundarem em um mar de degradação de resíduos, como visto nas imagens acima. Há uma necessidade urgente de se colocar a Educação Ambiental outra vez nos trilhos, afim de se alcançar uma benquerença sustentável.

Considerações finais

Diante do que foi debatido, pode-se afirmar que a sociedade contemporânea vem experimentando graves problemas socioambientais. Por isso, ela precisa se engajar na busca de novos e profícuos modelos de relação sociedade e natureza, que permitam um olhar mais crítico para os delineamentos que o sistema capitalista impõe sobre o entendimento da natureza e do seu usufruto, que vêm gerando o que chamamos de desigualdades. É de suma importância criar alternativas e mecanismos que permitam à população repensar as ações nocivas ao meio ambiente e criar novas atitudes socioambientais.

No caso da área de estudo, é de suma importância a implementação de uma política de Educação Ambiental em esferas formal e informal, pois, apesar de ser um espaço utilizado para o turismo familiar e de base comunitária, observaram-se fortes indícios de degradação. Havia diferentes tipos de resíduos sólidos, deixados pelos banhistas, além de queimadas, realizadas nos manguezais, para a abertura de caminhos para a pesca, ou mesmo para o descobrimento de área de beleza virgem. É importante ainda uma fiscalização diária, com de placas que informem aos banhistas as reais condições da Reserva Biológica e a plena responsabilidade deles enquanto partícipes da manutenção

e proteção ambiental da reserva e de sua biota. Com isso, será possível garantir uma melhor sustentabilidade local.

Referências

- BOLIGIAN, L. et al. *Consumo, meio ambiente e desigualdade no espaço mundial*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.
- CAMARGO, A. L. B. *Desenvolvimento sustentável: dimensões e desafios*. Campinas: Papirus, 2003.
- CRITELLI, Dulce Mara. *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DIAS, Reinaldo. *Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GUIMARÃES, Mauro. *Educação ambiental: no consenso um embate?* 5. ed. São Paulo: Papirus, 2000.
- JACOBI, P. *Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade*. Cadernos de Pesquisa, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/kJbkFbyJtmCrfTmfHxktgnt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30/06/2023.
- MENDONÇA, Francisco. *Geografia socioambiental*. Terra Livre, São Paulo, n. 16, p. 113-132, jan./jun. 2001.
- MORAES, Antônio C. R. *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- NASCIMENTO, T. F. do; COSTA, B. P. da. *Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões*. Geografia Ensino & Pesquisa, [s.l.], v. 20, n. 3, p. 43-50, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/20152>>. Acesso em: 09/12/2023.
- PORTO-GONÇALVES, C.W. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- SANTOS, F. A. S; REIS, S. R. *Intervenção e prática de educação ambiental no ensino formal: contribuições para a formação socioambiental*. Revista Educação Ambiental em ação, v. XVIII, n. 70, [s.p.], março-maio/2020. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3892>>. Acesso em: 20/05/2023.
- SANTOS, Felipe Alan Souza; RODRIGUES, Jovenildo Cardoso. *Bioecologia do desenvolvimento humano e suas contribuições para a Educação Ambiental*. REUMAM, v. 6, n. 1, 2021. INSS online 2595-9239. Acesso em: 02/06/2023.
- SANTOS, Felipe Alan Souza; RODRIGUES, Jovenildo Cardoso. *Mídias jornalísticas e o debate sobre educação ambiental, de professores da rede de educação básica de Sergipe: contribuições e interpretações*. Revista de Geografia, [s.l.], v. 37, n. 3, p. 347-362, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/247805>>. Acesso em: 11/02/2024.
- SANTOS, Felipe Alan Souza. (CONS)CIÊNCIA E (TRANS)FORMAÇÃO AMBIENTAL NA GESTÃO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE ESCOLAS MUNICIPAIS DE ARACAJU. 2024. TESE (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Pará -UFPA, Belém, PA, 2024. 255f.
- SANTOS, F. A. S.; ARAÚJO, A. N. SEMEAR CONSCIÊNCIA PARA COLHER FUTURO: ALVORECER DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, [S. I.], v. 3, n. 3, 2024. DOI: 10.61164/rmmn.v3i3.2234. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/2234>. Acesso em: 2 jan. 2025.
- SANTOS, B. S. *Para uma revolução democrática da Justiça*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SATO, M.; SANTOS, J. E. *A contribuição da Educação Ambiental à esperança de pandora*. São Carlos, 2006. p. 273-287.
- VESSENTINI, J. William et al. *Geografia Crítica*. 31. ed. São Paulo: Ática, 2004.